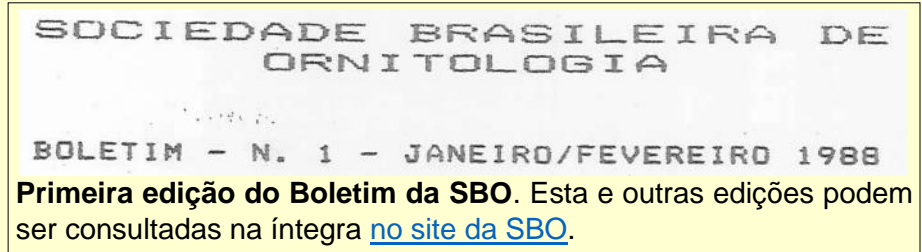


Presidenta: Maria Alice dos Santos Alves · **1º secretário:** André de Camargo Guaraldo · **2ª secretária:** Patricia Pereira Serafini · **1º tesoureiro:** Jonas Rafael Rodrigues Rosoni · **2ª tesoureira:** Thaianne Weinert da Silva
Editor: Augusto João Piratelli · **Diagramação e arte:** André de Camargo Guaraldo

Carta da Diretoria

Um dos objetivos da atual gestão da diretoria da SBO é melhorar a comunicação com os sócios e entre os sócios, ampliando e incentivando a Ornitologia no Brasil. Por isso, além do nosso site, e-mail e recentes perfis em redes sociais, decidimos retomar o Boletim da SBO, que iniciou sua publicação impressa em 1988, logo após a oficialização da SBO em Brasília (1987), sendo presidente Roberto B. Cavalcanti, secretária Maria Alice S. Alves e tesoureiro Paulo de T. Z. Antas. O Boletim teve seus primeiros volumes editados por José Maria Cardoso da Silva que foi sucedido por outros editores até 1999 (ver [Höfling et al. 2017](#)), sendo o último Walter Voss, recente perda para nossa Ornitologia ([veja o Obituário nesta edição](#)). Agora, o Boletim da SBO retorna em versão digital, tendo como editor Augusto J. Piratelli. Queremos com isso fortalecer a Ornitologia como ciência, estimular jovens pesquisadores a atuarem nessa área do conhecimento e incentivar pesquisadores mais experientes para trocar experiências com as novas gerações. Nessa era digital, também queremos ressaltar a importância



dos trabalhos de campo para a contínua geração de dados e testes de hipóteses, sem deixar de atrair os amantes de aves, potenciais cientistas-cidadãos.

Uma das ações centrais da SBO é promover regularmente os Congressos de Ornitologia (CBOs), que são muito ricos e permitem interações próximas entre pesquisadores, com transmissão, discussão e multiplicação do conhecimento gerado, além de viabilizar parcerias e colaborações. O XXVII CBO, que ocorreria em agosto de 2020 em Gramado, sob coordenação da Carla Fontana e da Sandra Hartz, precisou ser adiado para agosto de 2021, devido à pandemia da Covid-19. Assim, nosso Boletim é mais uma oportunidade de interação entre a diretoria e os sócios. O que talvez muitos não saibam é que entre os CBOs a diretoria trabalha continuamente para manter a SBO em dia, atuando também com outras entidades, como a So-

iedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), buscando maneiras de fortalecer a educação, a ciência e a área ambiental no país, as quais atualmente têm enfrentado inúmeros ataques. Assim, temos representado a SBO intensa e exaustivamente desde o início da nossa gestão (janeiro de 2020).

A revista da SBO recentemente migrou para a Plataforma da Springer com o novo nome 'Ornithology Research' e já conta com seu primeiro volume concluído (Editor: Leandro Bugoni). Essa nova etapa da revista é bastante promissora e esperamos contribuições dos sócios para os próximos volumes! Os volumes antigos e atuais da revista são de livre acesso aos sócios! (acesse: [RBO](#); [ORNI](#))

Esperamos que apreciem o novo Boletim da SBO e contribuam para volumes futuros. Seguimos juntos!

Maria Alice S. Alves
Presidenta - SBO





Cathartes aura (Foto de André Guaraldo)

Editorial

É com satisfação que anunciamos a retomada do Boletim da Sociedade Brasileira de Ornitologia. Essa publicação no passado era impressa, e os sócios a aguardavam ansiosamente via correios, juntamente com a Araçajuba. O Boletim retorna em um momento muito difícil; o mundo atravessa uma pandemia que tem causado terríveis perdas humanas, sociais, ambientais e econômicas. Nesse contexto, mais do que nunca, faz-se imprescindível expressar o conhecimento e a tradição científica do Brasil. A ciência gera conhecimento e, historicamente, melhora a qualidade de vida da humanidade.

Na verdade, muita coisa mudou, estamos nos encontrando em um mundo virtual,

onde as pessoas basicamente se veem através de uma tela de computador. Para muitos ornitólogos, entretanto, isso não tem sido um impedimento total para as pesquisas; para os amantes das aves, as janelas e as 'lives' dos comedouros viraram atrações matinais imperdíveis. O gosto pela contemplação das aves pode ser o melhor contato entre humanos e a natureza. Por meio das aves, as pessoas – principalmente as urbanas – podem criar uma afinidade com o ambiente e, dessa forma, indignar-se diante do desrespeito e da quebra da relação mutualística entre desenvolvimento humano e natureza. Esse antagonismo é uma das maiores fontes das nossas mazelas; o clima do planeta mudou, pandemias

têm surgido, milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza. Definitivamente, alguma coisa deu errado! Muitos outros problemas ambientais vieram na esteira da pandemia, além de toda a tragédia que esta tem produzido para a humanidade. Houve relaxamento na fiscalização ambiental, aumento na caça e tráfico de animais, queimadas e desmatamentos. A tentativa de flexibilização da legislação ambiental e mudanças estruturais na pasta ambiental está incentivando inúmeras atividades ilegais, pulverizando os históricos avanços ambientais no Brasil.

Precisamos expressar as funções e serviços ecossistêmicos desempenhados pelos ambientes naturais e pela biodiversidade. A observação

de aves, como atividade prazerosa, leva ao bem-estar físico e emocional, ajudando a manter-nos saudáveis e equilibrados. As aves também nos fornecem inúmeros serviços ecossistêmicos: controlam insetos - muitos desfolhadores, contribuindo para o sequestro de carbono e na produção de matéria orgânica através da fotossíntese. Aves dispersam sementes, polinizam flores e removem carcaças, ajudando a produzir alimentos aos humanos, a restaurar áreas degradadas e a controlar doenças. Muitas aves são sensíveis às altera-

ções ambientais antropogênicas e sinalizam rapidamente um problema. Temos então inúmeros motivos que justificam os investimentos na pesquisa e na divulgação científica.

Nesse contexto, queremos com a retomada desse boletim, nos aproximar dos sócios da SBO e, juntos, enfatizar o papel relevante da ciência brasileira. Queremos nos manter atualizados como Sociedade e compartilhar com os sócios o que está sendo produzido pelos cientistas brasileiros, não só aqueles formais, mas também o cien-

tista cidadão. Esse boletim terá periodicidade trimestral e será uma excelente oportunidade para estreitar nossos laços, enquanto o próximo CBO não chega. Desejamos poder voltar a nos reunirmos presencialmente em muito breve, trabalhando não só para que essa pandemia seja debelada, mas também para que outras não venham.

Augusto João Piratelli

Universidade Federal de São Carlos – Sorocaba – SP



Notas para a Posteridade



Sporophila lineola (Foto de Kurazo Okada).

(a bela foto é do Kurazo Okada). Esta espécie tem duas populações com dialetos distintos: uma no nordeste do Brasil e outra no sudeste brasileiro (incluindo também Paraguai e Argentina). As

O saudoso Kenneth Parkes, que foi durante muito tempo curador de aves do Carnegie Museum of Natural History, deixou nas gavetas das coleções do American Museum of Natural History, em New York, muitas notas para a posteridade. Estas notas indicavam problemas que precisavam de solução e que ele não teria tempo de resolver. Esta nota é isso: uma das minhas notas para a posteridade. Espero que os outros ornitólogos da minha geração compartilhem também suas notas neste espaço, para assim, juntos, inspirarmos as novas gerações.

Uma das espécies mais interessantes da avifauna brasileira é *Sporophila lineola*

duas populações migram para o norte da América do Sul (Amazônia e Llanos), mas ocupam áreas distintas desta enorme região. O padrão geral da distribuição da espécie foi descrito em um trabalho que publiquei em 1995 no Bulletin of the British Ornithologist's Club.

O trabalho levantou várias questões, muitas das quais permanecem não resolvidas. Listo algumas perguntas que seriam importantes serem investigadas e que poderiam gerar uma excelente tese de doutorado: (1) Por que as duas populações de *S. lineola* possuem padrões migratórios distintos? (2) Como este padrão migratório evoluiu e se mantém? (3) O que a população de *S. lineola* do nordeste faz nos Llanos? (4) Como ela interage com *S. bouvronides*, a espécie nativa de lá? (5) Onde as populações de *S. lineola* do sudeste se concentram na Amazônia Central? (6) As populações de *S. lineola* do Sudeste possuem de fato épocas distintas de migração? (7) Por que os machos de *S. lineola* defendem territórios provisórios quando eles estão retornando de migração? (8) Por quanto tempo estes indivíduos permanecem nestes lugares? (9) Como as mudanças no uso da terra e no clima estão afetando a distribuição e ritmos migratórios de *S. lineola*?



José Maria Cardoso da Silva

University of Miami
jcsilva@miami.edu

O Brasil é um dos três países com maior riqueza de espécies de aves do mundo, e não surpreende que boa parte de sua avifauna seja pouquíssimo conhecida, mesmo em aspectos básicos do comportamento, ecologia e distribuição. O chora-chuva-preto ou bico-de-brasa é uma espécie interessante e inconfundível, pois vive em grupos nas bordas de matas, e alimenta-se forrageando a partir de poleiros, portanto deveria ser bem estudado devido à facilidade de encontrá-lo e observá-lo. Entretanto, afora duas publicações da década de 1990, de [Melo e Marini](#) sobre alimentação, e de Piratelli e coautores sobre reprodução, e algumas descrições em livros como Sick e sites como WikiAves, pouco se conhece. Qual a composição dos grupos? São famílias e jovens de anos anteriores? Qual a relação e similaridade com a ecologia do João-bobo, *Nystalus chacuru*, que vive nos cerrados ao lado das matas de galeria do chora-chuva-preto, e também forma grupos e nidifica em buracos



Chora-chuva-preto. Mata de galeria da piscina velha no Parque Nacional de Brasília (07/06/2017. Foto: Roberto Cavalcanti).

escavados na terra? Ambas as espécies participam de bandos mistos de aves? Por que? Qual a densidade na paisagem? A sua dieta é compatível com o que se esperaria de aves que forrageiam de poleiros? Eis aí um universo a descobrir...



Roberto B. Cavalcanti

Universidade de Brasília

Se você tem sugestões de pesquisa interessantes, mas que nunca foram realizadas, compartilhe com nossos sócios Ornítólogos em início de carreira!
Entre em contato com a diretoria da SBO: diretoria@ararajuba.org.br

Notícias da SBO

Esta seção atualizará nossos sócios sobre as ações da SBO, sua atuação nos cenários político e social e junto a outras entidades e sociedades científicas brasileiras. Seguem abaixo relacionadas atuações da diretoria da SBO desde o início de janeiro de 2020:

- Atuação na indicação de membros ao Conselho Deliberativo (Ciências Biológicas e Saúde) – CNPq (rodada 2);
- Participação das discussões e na Reunião de lançamento da Rede Brasileira de Biodiversidade e Sócio-Ecologia (REBISEC), a qual a SBO integra;
- Atuação da presidenta da SBO na “Coalizão Ciência & Sociedade”;
- Consulta Pública direcionada aos sócios ativos da SBO para contribuições à nova IN do SNA/CEMAVE;

• Ações, notas e manifestações endossadas e/ou divulgadas pela SBO junto a outras sociedades científicas e entidades, tais como:

- “Marcha Virtual pela Ciência (SBPC)”;
- “Pacto pela Vida e pelo Brasil (SBPC)”;
- Nota de repúdio contra a política de desmantelamento das políticas ambientais (subscrito junto à SBPC e outras 42 sociedades científicas);
- Nota sobre a ocultação dos dados da COVID-19 (SBPC e outras 70 sociedades científicas);
- Nota contra a MP979 que fere a autonomia da UFs e IFs (SBPC e outras 50 entidades);
- Nota “Emergência Climática e Ambiental - Declaração das Universidades Brasileiras - Ensinar o Futuro e

Agir no Presente para Evitar o Pior” (SBPC e outras entidades);

- Nota “Brasil pela Democracia e pela Vida” (SBPC e outras entidades); Vídeo no painel “Democracia e as Ciências” (SBPC);
- Manifestação em favor do PLP 135/2020, contra o contingenciamento de recursos (SBPC e outras 70 entidades);
- “Nota de Solidariedade e pela vida” (SBPC e outras entidades);
- Carta ao Presidente do CNPq em 22/07/2020 (SBPC e outras 68 entidades);
- Manifesto pela liberação total dos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FNDCT (SBPC e outras 77 entidades);

- Manifesto contra a extinção da Fundação Parque Zoológico de São Paulo;
- Nota contra o PL 529 – ALESP, que desfavorece as

- universidades estaduais paulistas e FAPESP;
- Declaração conjunta a outras entidades com recomendações sobre o uso pú-

blico e de condução de pesquisa científica em UCs e outros ambientes naturais frente à COVID-19 e SARS-CoV-2.



Ornito em Foco

Socozinho, *Butorides striata*

Ivan Sazima (Universidade Estadual de Campinas)

O socozinho *Butorides striata* pesca com isca, que pode ser inseto, frutinho, ou pedaço de pão. A isca é reposicionada repetidas vezes, atraindo peixes que o socozinho pesca habilmente.



Socozinho reposicionando sua isca (Foto: Ivan Sazima).

Durante os anos 2007 e 2008, estudei essa ave num parque ecológico de Campinas, São Paulo. As observações, contei na Revista Brasileira de Ornitologia e em outro periódico. Na RBO

([Sazima 2007](#)), contei como as pescarias do socozinho, quando usava pão, eram frustradas por gansos e tilápias que roubavam a isca. O socozinho e sua parceira criaram uma ninhada de três filhotes. Em outro periódico, contei como um dos filhotes ficava num ramo e apanhava e soltava insetos, frutinhas e pedaços de madeira. Com esse comportamento, brincadeira com objetos, o filhote aperfeiçoava suas habilidades de pesca. Os filhotes dispersaram, uma vez que o socozinho é territorial e no parque havia lugar para um casal somente. Após dois anos, não mais observei o socozinho pescando com isca. Possivelmente, o socozinho que iscava morreu ou mudou de local e foi substituído por outro que não sabia pescar com isca. Pergunto, pescar com isca é um comportamento aprendido ou herdado? Notem que o socozinho é territorial e apenas um dos três filhotes brincava com objetos.

Anu-branco, *Guira guira*

Regina H. F. Macedo (Universidade de Brasília)

Tirei esta foto de um filhote de anu-branco (*Guira guira*, Família Cuculidae) há quase 30 anos, quando iniciava um projeto sobre o sistema reprodutivo dessa ave. Na época, me surpreendi com a diversidade e tamanho das presas trazidas pelos adultos para alimentar os ninhegos. Esta foto tem cerca de cinco dias de idade e, já emplumadinho, em breve conseguiria escapular



Ninhego de *Guira guira* deglutindo uma rã (Foto: Regina Macedo).

do ninho com a aproximação do pesquisador, portanto a foto foi uma fortuita oportunidade. O projeto que desenvolvi revelou muitas facetas surpreendentes acerca da reprodução desta espécie. O anu-branco (sub-família *Crotophaginae*), possui um sistema reprodutivo raro, onde várias fêmeas utilizam um mesmo ninho para colocarem seus ovos e criarem seus filhotes. Esse sistema reprodutivo, conhecido como reprodução cooperativa ou comunitária, ocorre em menos de 20 das mais de 9.600 espécies de aves do mundo. Esse projeto, ao longo de duas décadas, revelou que o sistema de acasalamento do anu-branco é poliginândrico; que os grupos são compostos por indivíduos que podem ou não ser geneticamente aparentados; que membros do grupo exibem comportamentos competitivos durante a nidificação, podendo ejetar ovos e cometer infanticídio; e ainda, que cuidam dos filhotes de forma desigual. Uma espécie de ave absolutamente fascinante!

Quer divulgar um registro ornitológico para nossos sócios?

Faça [login](#) no site da SBO e acesse o formulário para esta seção sob o item “Minha Conta”.

Personalidade Ornitológica

Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage, nasceu em 13 de abril de 1868, em Kraatz, Gransee, na província prussiana de Mark Brandenburg, Alemanha. Era filha do pastor luterano Emil Heinrich Ludwig Snethlage e de Elisabeth Emilie Franziska Rosenfeld. Sua mãe faleceu quando Emilie possuía apenas quatro anos de idade, por isso ela e os irmãos foram educados em casa, pelo pai.

Emilie Snethlage adquiriu a paixão pela natureza ainda quando criança, tendo inicialmente colecionado plantas nos arredores de casa e aos 11 anos seu herbário chamou a atenção até mesmo de um Inspetor Florestal.

Em 1889 realizou uma prova em Berlim que lhe permitia lecionar, tendo ela sido aprovada mesmo sem nunca ter frequentado uma escola. Viajou neste mesmo ano para a Suíça, em Fleurier, no cantão de Neuchâtel, onde estudou francês, literatura e etiqueta social até 1890. Após estes estudos, ela se tornou preceptora, dando aulas particulares para os filhos de famílias ricas, tanto na Suíça quanto



Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie-Snethlage (Foto: Museum für Naturkunde Berlin - Historische Bild und Schriftgutsammlungen; CC BY-NC-ND 4.0).

em outros países da Europa, como Alemanha, Inglaterra e Irlanda.

Por volta de 1900, Snethlage recebeu uma herança, o que lhe permitiu seguir a carreira que tanto vislumbrava em História Natural. Estudou com grandes professores da época, como August Weismann em Freiburg e Johann Steinmann em Jena. No verão de 1904 se tornou uma das primeiras mulheres a obter o título de Doutorado *summa cum laude* na Europa, com a tese “Ueber die Frage vom Muskelansatz und der Herkunft der Muskulatur bei den Arthropoden” (“Sobre a fixação muscular e origem dos músculos nos artrópodes” em tradução livre). Após sua formatura, na Universidade de Freiburg, em Breisgau, Snethlage foi trabalhar como assistente em zoologia no Museu de História Natural de Berlim, com o renomado ornitólogo Anton Reichenow. Nessa época, no Brasil, o naturalista

Emílio Goeldi buscava por algum pesquisador para estudar as aves amazônicas e trabalhar no Museu Paraense, que posteriormente se tornaria Museu Paraense Emílio Goeldi, no estado do Pará. Emilie Snethlage se candidatou a vaga e foi escolhida, chegando no Brasil em agosto de 1905, então com 37 anos de idade.

Contratada como Assistente de Zoologia, além de estudar as aves da coleção do Museu Paraense, Snethlage era responsável pelo Parque Zoológico e as atividades do Serviço Meteorológico do Museu. Seus trabalhos não demoraram a iniciar e, de forma magistral, ela não apenas estudava a fundo as aves da coleção do Museu como também a literatura sobre as aves amazônicas. Além disso, no mesmo ano de 1905 realizou sua primeira expedição científica de coleta, na região de Santo Antônio do Prata e na Ilha de Marajó.



Snethlage em expedição no Pará (Foto: acervo da família; CC BY-NC-ND 4.0)

Emilie foi a mais impressionante viajante naturalista de seu tempo, especialmente interessada na Amazônia, realizou viagens para os locais menos conhecidos da época, trazendo aves para o Museu Paraense de locais onde nenhum naturalista, ou mesmo homem branco, havia um dia pisado. Em 1907, já com boa experiência adquirida sobre as aves amazônicas, ela viajou para a Europa e visitou os principais museus onde havia coleções de Aves, como Berlim, Londres, Viena, Munich e Leipzig. Isso permitiu que ela pudesse sanar algumas dúvidas sobre identificações de espécies e trocar experiências com os mais importantes ornitólogos da época.

Fato é que Snethlage viajou todos os anos, desde que chegou no Brasil, pela Amazônia. Em 1909 realizou a expedição que mais lhe trouxe notoriedade na época, fazendo uma travessia entre os rios Iriri e Jamauchim apenas acompanhada por indígenas, permitindo a descrição de uma região até então desconhecida nos mapas da época.

Em 1914 foi publicado seu “Catalogo das aves amazonicas”, obra única e até hoje referência no assunto; um divisor de águas no conhecimento sobre as aves brasileiras e, especialmente, amazônicas. Neste mesmo ano ela se tornou diretora do Museu Paraense, passando a ser a primeira mulher a dirigir um museu científico na América Latina. Foi diretora do Museu entre 1914 e 1921, mas sofreu afastamento entre 1918 e 1919 durante a Primeira Guerra Mundial, por ser alemã. Também sofreu ataque em matérias de jornais por doar algumas frutas do Zoológico aos funcionários que passavam fome, naquele momento difícil no estado do Pará.

Com o estado do Pará quase falido Snethlage foi contratada pelo Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 1922. Neste museu, iniciou uma nova etapa, viajando para coletar

aves em outras regiões fora da Amazônia, como Rio de Janeiro, Maranhão, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e, por fim, Rondônia, onde acabou falecendo em 25 de novembro de 1929, com 61 anos de idade e ainda em plena atividade de campo.

Estima-se que, ao longo de suas pesquisas no Brasil, Emilie Snethlage tenha colecionado e preparado mais de 10.000 peles de animais, especialmente Aves. Ela descreveu dezenas de espécies de aves novas, de várias partes do Brasil, mas, infelizmente, boa parte de suas coletas e observações ainda precisam ser estudadas em detalhes.

Não podemos deixar de imaginar o que viveu Emilie Snethlage durante os 24 anos percorrendo todos os cantos do Brasil. Uma mulher, na maioria das vezes sozinha, carregando espingarda, materiais para taxidermia e tantos outros apetrechos necessários à pesquisa de campo. Quantas privações, quanto preconceito por ser mulher, quanto sofrimento pela falta de alimentação adequada, falta de remédios para os terríveis sintomas da malária, dentre outras que provavelmente nunca saberemos.

Emilie Snethlage foi, sem dúvida, a pessoa que mais contribuiu para o desenvolvimento da Ornitologia brasileira em seu tempo!

Marco Aurélio Crozariol

Pesquisador - Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha;
Pesquisador Colaborador - Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.



Obituário

WALTER ADOLFO VOSS

(1933-2020)



O jornalista biólogo, capaz de juntar o melhor das duas profissões em sua vida pessoal e profissional. Com uma memória auditiva excepcional, notabilizou-se pela capacidade de identificação das aves e a precisão das anotações de suas observações na natureza ou nas áreas urbanas. O interesse pelas aves em seus ambientes levou esse jornalista, formado mais tardiamente na vida do que usual pela Universidade do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, a ainda ter forças para fazer o mestrado em Ecologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e fazer carreira tanto na ornitologia de campo, com diversas publicações significativas, assim como professor no ensino de novas gerações de biólogos na universidade.

Contribuições de Voss, como era mais conhecido no meio ornitológico, foram tanto nas publicações das quais era autor ou coautor, como também sendo fonte de informações publicadas no livro de Helmut Sick, *Ornitologia Brasileira* ou de William Belton sobre as aves do Rio Grande do Sul. Duas obras seminais da ornitologia no Brasil, cada uma com sua abrangência própria, respaldaram a precisão e qualidade de suas observações próprias, bem como a generosidade de Voss em compartilhar seu conhecimento.

Participou do primeiro curso de anilhamento de aves do Brasil, feito pelo CEMAVE (então Centro de Estudos de Aves Migratórias) no parque nacional de Brasília em 1978. A partir dessa interação com o CEMAVE e suas características pessoais, logo foi convidado para ser instrutor nos cursos de anilhamento feitos na Estação Ecológica do Taim, RS, em Poconé, MT e no atual parque nacio-

nal da Lagoa do Peixe, RS. A paciência e capacidade de ensinar de Voss eram notáveis, assim como seu bom humor constante, nem sempre visível à primeira vista por quem não o conhecia. Perpicaz, muitas vezes usava sua característica ironia fina para quebrar o gelo nos primeiros contatos. Além disso, cativava a todos rapidamente por sua capacidade de diálogo e conhecimento amplo.

Ainda para o CEMAVE, graças ao entendimento do alemão e o saber técnico, fez a tradução da contribuição original do dr. Helmut Sick para o estudo das migrações de aves no continente sulamericano. A publicação da tradução, feita em 1983, trouxe para o português com a precisão necessária todo o conhecimento do maior ornitólogo naturalista do país e serviu como base para diferentes pesquisas com aves migratórias no Brasil.

Sempre buscando difundir o interesse na observação de aves, participou de várias iniciativas no Rio Grande do Sul, como a fundação do Clube de Observadores de Aves na década de 1970. Atuou também como desenhista na elaboração de seus pequenos guias de observação de aves para auxiliar no envolvimento das pessoas pela atividade. Essa atividade remetia a seu início na ornitologia. Embora nascido em Montenegro, RS, em 1933, sua família mudou-se para a Alemanha pouco antes da Segunda Guerra Mundial e lá morou até 1948. Enquanto na Alemanha, aos 10 anos de idade despertou o seu interesse a tentativa de identificar duas aves pousadas próximas a ele durante os dias frios do outono boreal. Um pequeno guia de aves da Europa Central foi a chave inicial dessa paixão que o acompanhou a vida toda, modelo utili-

zado para elaborar os pequenos guias de bolso de sua lavra.

Uma de suas paixões era, com recursos próprios, fazer listas de espécies de diferentes localidades. Para isso, aos finais de semana ou feriados, comprava uma passagem de ônibus para uma cidade e anotava todas as espécies observadas, bem como registros inusitados de concentrações maiores, interações entre elas ou registros de alimentos utilizados.

Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Ornitologia (SBO), foi posteriormente secretário da mesma no período de 1991 a 1993, contribuindo de forma significativa para sua consolidação e avanço. Durante esse período, após interrupção do Boletim da SBO em 1991, Voss retomou sua edição em 1992 até 1999, quando cessou essa publicação.

Sua capacidade de pesquisador, sempre inquirindo e documentando, o levou para outros horizontes, participando das expedições do Brasil na Antártida para os estudos de aves naquele continente, de 1985 a 1987. Além das aves, também fez publicações sobre mamíferos do Rio Grande do Sul, como uma lista sistemática das espécies presentes no estado e um estudo detalhado sobre uma

população remanescente do cervo-do-pantanal *Blastocerus dichotomus* nas proximidades de Porto Alegre.

Por todas as contribuições feitas, desde as publicações de artigos de divulgação, científicos, a formação de novos profissionais na área de ornitologia ou aumentando o interesse das pessoas na observação de aves, o legado deixado por Voss é invejável. Incentivou vários que posteriormente tornaram-se profissionais ou aficionados com luz própria, dando-lhes os instrumentos necessários para a caminhada.

Certamente agora estará em outra dimensão com o seu característico bonezinho de brim, binóculo a postos, cadernetinha de anotações e o indefectível lápis anotando todas as espécies presentes. Cabe a todos que o conheceram lamentar a finitude da convivência e esperar que suas contribuições para a Ciência e para a difusão do conhecimento mantenham-se no merecido lugar pelas futuras gerações.

Paulo de Tarso Zuquim Antas

Pesquisador da Fundação Pró-Natureza (FUNATURA), Brasília/DF
ptzantas@outlook.com

Visite a página da SBO:
www.ararajuba.org.br



Siga-nos nas redes sociais



Promovendo o estudo e conservação das aves brasileiras desde 1987

Quer contribuir com o Boletim da SBO?
Conte-nos sua ideia: diretoria@ararajuba.org.br